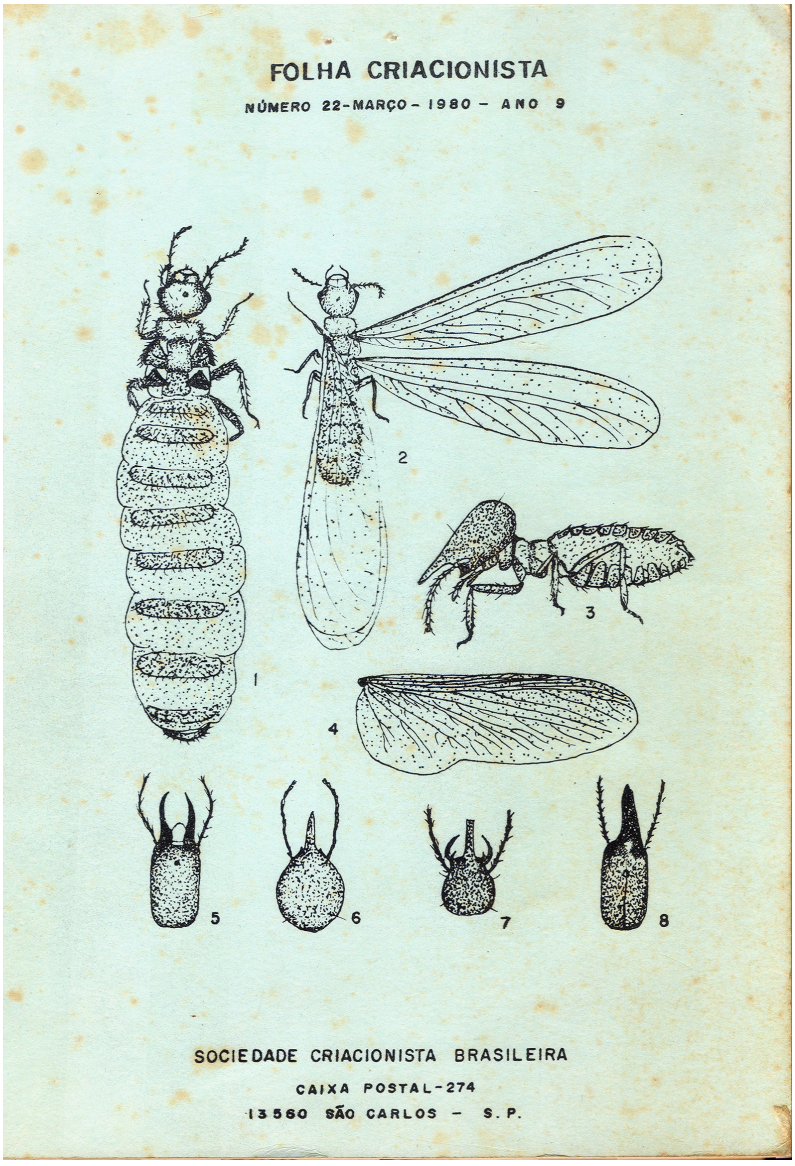
Sobre o dilema entre ciência e religião: os criacionistas destroem a ciência?

Luiz Roberto Fontes

Não pretendo entrar em discussão sobre crenças ou temas polêmicos nesta seção devotada a divulgar a ciência e sua história, em homenagem ao inesquecível amigo, o biólogo Jair Rosa Duarte. No entanto, vou relatar um fato que vivenciei no início da minha vida científica e me ajudou a moldar o enfoque no assunto ciência versus religião. O tema é oportuno, pois há muita opinião sem fundamento divulgada na imprensa, até por cientistas que mostram interesses políticos raramente louváveis ao expressar determinadas posições frente a nomeações de gestores que professam esta ou aquela crença pessoal. A grande dúvida me parece ser: cientista tem que ser ateu? Não pode adotar crença religiosa?

De antemão, esclareço que me dedico ao resgate da memória de um naturalista que muitos consideram o maior ateu do planeta, Fritz Müller, cujas filhas foram batizadas e se casaram na igreja, sem trauma algum para o pai, ou para elas. Aliás, o corpo do naturalista está sepultado no cemitério evangélico da cidade.


FOLHA CRIACIONISTA

NÚMERO 22-MARÇO-1980 - ANO 9

SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA

CAIXA POSTAL-274

13560 SÃO CARLOS - S.P.

Vamos ao relato. O fato ocorreu em 1981, ainda na fase inicial de minha carreira na entomologia, ramo da ciência dedicado ao estudo dos insetos. Eu concluíra o curso de mestrado e iniciava o doutorado. Naqueles tempos a informática engatinhava e não havia as facilidades atuais para obter bibliografia e realizar documentação fotográfica. Para o sucesso da pesquisa, eu necessitava de um determinado equipamento e o custo era proibitivo para mim. Havia adquirido um automóvel, um velho "fusca" ano 1968, e o tal aparelho custava o valor de um carro novo, ou mais caro. Sem contar alguns poucos acessórios, também dispendiosos. Não havia outra saída, senão tentar um auxílio à pesquisa e, para isso, havia um obstáculo insuperável: era necessário ter concluído o doutorado, que eu apenas iniciara. Não tinha o título de doutor! Mesmo assim, fui à agência financiadora que me outorgara a bolsa de estudos de pós-graduação, a FAPESP ou Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, e expus o problema. A secretária, atenciosa, sugeriu agendar uma entrevista com o Diretor Científico da instituição, e marcamos uma data. Creia, eu esperava uma solução mais simples e imediata, como uma petição escrita justificando a necessidade, mas tive que aceitar a tal entrevista, com duração máxima de uma hora.

Compareci no dia e horário programado e fui recebido pelo Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira. Após um debate de quase 60 minutos sobre o auxílio financeiro pretendido, no qual ele buscou me demover da ideia e acenou com algumas alternativas, finalmente ele aquiesceu, ou seja, eu podia encaminhar a solicitação, e ele iria examinar e emitir um parecer final em alguns dias. Então, o Dr. Ruy comentou que conhecia o meu trabalho científico e mencionou relatórios e ilustrações, o que ensejou uma breve conversa sobre os meus estudos e sua importância para o conhecimento taxonômico e a filogenia dos cupins. Então, dele ouvi a entusiástica frase "*Pois eu também publiquei um trabalho sobre cupins!*" Algo surpreso com o que ouvira do engenheiro e professor universitário nessa área tecnológica, e sequioso de obter para o meu acervo essa produção no meu campo de estudos, sem demora eu lhe solicitei uma cópia ou separata do artigo. Ele me pediu que aguardasse, ausentou-se e, em alguns minutos, retornou com um exemplar do periódico *Folha Criacionista*, publicado no ano de 1980 e que eu não conhecia. A capa do opúsculo, em cor verde, interessou-me de imediato, pois lá estava estampa-do nada menos do que um conjunto de figuras que eu publicara em 1979 na revista *Ciência e Cultura*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC. Folheei rapidamente o impresso e, na segunda página estava citada a autoria e a legenda das ilustrações, e o artigo de onde elas foram extraídas. Ou seja, uma publicação que seguia o rigor das boas revistas científicas. Dr. Ruy perguntou se eu conhecia o criacionismo, e fui sincero na resposta, jamais ouvira falar e para mim era novidade. Ele me informou que, com o auxílio de uma secretária e com recursos financeiros pessoais, ele editava o periódico há alguns anos, cujo conteúdo então consistia principalmente de artigos que ele seleciona-va de uma revista norte-americana e traduzia para o português, a fim de difundir a doutrina. Porém, não se alongou em explicações sobre o que é o criacionismo. Agradeci o presente e saí, satisfeito com a nossa conversa e com a possibilidade de pleitear o equipamento pretendido.

No fascículo em questão, Dr. Ruy usara as minhas ilustrações na capa, para destacar o artigo "A

origem dos termitas", lá publicado e tradução de "The origin of termites", lançado no mesmo ano no periódico *Creation Research Society Quarterly*. Tratei, então, de buscar informações sobre o criacionismo. Descobri que o Dr. Ruy fundara em 1972 a Sociedade Criacionista Brasileira/SCB, cuja doutrina religiosa rejeita o evolucionismo biológico, era seu presidente e respondia pela edição brasileira da *Folha Criacionista*, hoje *Revista Criacionista*. Ele presidiu a SCB até 2017.

Ruy C. C. Vieira, nascido em 1930 em São Carlos/SP e formado engenheiro mecânico e eletricista pela Escola Politécnica da USP, foi diretor científico da FAPESP no período de 1979 a 1985, professor de engenharia e exerceu outros cargos de responsabilidade pública.

Segundo o que pude apurar ao longo dos meus anos de exercício entomológico no serviço público, tanto no julgamento da minha demanda relacionada à taxonomia e evolução, como em outras questões científicas subordinadas à sua autoridade na instituição paulista de amparo à pesquisa científica, Dr. Ruy C. C. Vieira não permitiu que suas convicções ou doutrinas pessoais interferissem no julgamento dos méritos de projetos depesquisa de escopo evolutivo.

Posto isso, não vou alongar em considerações sobre a doutrina criacionista, à qual se filiam profissionais e cientistas de diversos campos do saber, nem expor seu raciocínio nas questões evolutivas. Importa responder a pergunta do título e eu acho razoável afirmar que não é o criacionismo o vilão da ciência. Pessoas prejudicam a ciência, podem arruinar hábitos saudáveis e o convívio pacífico entre os cidadãos, e contribuir para desestabilizar a sociedade. Pessoas de má índole, de todas as raças, credos religiosos e tendências políticas e outras, fazem isso com dolo e, por que não dizer, com macabra satisfação, todos os dias e em todos os lugares. Não sei se as motiva o egocentrismo, a indigência cultural, ou a têmpera maligna em que se comprazem e sem a qual não sabem viver.

O mesmo ocorre no mundo da ciência. Nele também se encontram aqueles que aniquilam colegas, perseguindo-os, destruindo os seus sonhos e dificultando ou impedindo o seu crescimento profissional. Há cientistas que plagiam, copiam descaradamente as ideias dos outros, para auferir um minuto de fama no palco mundano. Portanto, existem cientistas e profissionais de todas as carreiras, entre ateus e os que professam alguma doutrina religiosa, que verdadeiramente prejudicam a ciência e a sociedade, numa proporção que às vezes não se corrige, senão após muitas décadas de empenho de outros profissionais, igualmente ateus ou religiosos. O criacionismo ou outra religião, enquanto crença praticada por gestores nomeados para importantes cargos da vida pública nacional, será inofensivo ou mesmo construtivo na mente de um cidadão honesto, consciente e apto para ocupar o cargo.

Luiz Roberto Fontes
é biólogo (entomólogo) e consultor